

A large, bold white 'X' shape is centered on a dark gray background. The 'X' is formed by two thick diagonal lines that intersect in the middle. The background is a solid dark gray color.

CRISTIANISMO
CRATIVO?



CRISTIANISMO
CRIATIVO?
STEVE TURNER

LIMA VISÃO SOBRE O CRISTIANISMO E AS ARTES

Cristianismo Criativo? - Uma visão sobre o cristianismo e as artes
Publicado em português com a devida autorização e os direitos reservados pela
W4ENDOnet Comunicação e Editora Ltda.

Copyright © 2007 por W4ENDOnet Comunicação e Editora.

Título Original: Imagine.

Publicado originalmente por IVP - InterVarsity Press • P.O.Box 1400,
Dower Grove, IL, 60515, US • Copyright © 2000 by Steve Turner

Editor

Whaner E ndo

Tradução

Valéria Lamim Delgado Fernandes

Revisão

Daniel da Silva

Polyana Silva Francisco

Capa e Projeto Gráfico

Claudio Souto - Souto Design

ISBN-13

958-85-87086-26-1

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Jalmar Bowden, SP, Brasil)

Turner, Steve

Cristianismo Criativo? - Uma visão para o cristianismo e as artes. -- São Paulo : W4Editora, 2006.

ISBN-13 958-85-85087-26-1

Título original: Imagine

Tradução de : Valéria Lamim Delgado Fernandes

1. Cristianismo 2. Igreja 3. Bíblia 4. Título.

CDD 270

Índice para catálogo sistemático:

1. Cristianismo 270

W4 EDITORA

<http://www.w4editora.com.br>

Email: editora@w4editora.com.br

Pedidos: VPC Distribuidora - (11) 5183-4755

Editora filia da à Associação de Editores Cristãos

 **editores cristãos**

www.editorescristaos.org.br

10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

07 08 09 10 11 12 13

Para Nigel Goodwin, que me resgatou, e para
minha esposa, Mo, que me faz prosseguir.

“Como, porém, haveríamos de entoar o canto
do Senhor em terra estranha?” - Salmo 137.4

Sumário

| | |
|-----------------------------------|-----|
| PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA..... | 9 |
| INTRODUÇÃO | 11 |
| CAPÍTULO UM - A VISÃO | 15 |
| CAPÍTULO DOIS - A IGREJA | 31 |
| CAPÍTULO TRÊS - O MUNDO | 49 |
| CAPÍTULO QUATRO - A DIVISÃO..... | 63 |
| CAPÍTULO CINCO - A BÍBLIA | 85 |
| CAPÍTULO SEIS - A MENTE | 103 |
| CAPÍTULO SETE - OS TEMPOS | 121 |
| CAPÍTULO OITO - O TESTEMUNHO..... | 137 |
| CAPÍTULO NOVE - A VIDA..... | 151 |
| NOTAS | 167 |

Prefácio à edição brasileira

A influência da igreja no mundo atual é limitada por sua falta de fluência na linguagem das artes. Quando o assunto é arte, o interesse de muitos líderes da igreja parece resumir-se a duas áreas: (1) crítica contra qualquer expressão artística secular que ofenda ou ameace a fé, e (2) apossamento utilitário das formas de arte para embalar conteúdo explicitamente cristão no contexto eclesiástico.

Escrevo uma coluna sobre arte e cultura para a revista cristã *Ultimato*. Sempre que recomendo algum filme ou livro cujo tema não se manifeste claramente cristão, recebo cartas como esta:

Esse tipo de artigo não poderia ter em revista que se diz cristã. Nós já temos muitas pessoas para escrever isto, nas revistas Capricho, etc. Não devemos levar os leitores a refletirem sobre as coisas do Céu? (A. V., Ipatinga, MG).

Essa linha de raciocínio é comum nas igrejas. Embora haja, de fato, muito de pernicioso na arte e na mídia contemporânea, há também grandes obras que apontam surpreendentemente para a condição humana como parte da criação divina e conseguem elucidar nossa compreensão e experiência.

Muitos cristãos desconfiam das ambigüidades inerentes à expressão artística, e acham que a arte só se reveste de valor quando empregada categoricamente a serviço do evangelismo, do louvor ou do discipulado. Assim, o trabalho do artista cristão só vale

quando tem utilidade didática ou funcional. O guitarrista que toca no "louvor" da igreja está fazendo a obra de Deus, mas, se este mesmo músico tocar jazz ou rock em outro ambiente, estará desperdiçando seu talento.

Creio que essa linha de raciocínio revela mais uma faceta da dicotomização que caracteriza tantos cristãos – a falsa segmentação de nossa vida entre o religioso e o mundano, como se as verdades reveladas no ambiente eclesial fossem superiores àquelas que descobrimos em outros âmbitos.

Em **Cristianismo Criativo?**, o poeta e crítico de rock Steve Turner imagina um papel mais amplo para a arte produzida por cristãos. Explica que a função comunicativa da arte difere dos sermões e dos livros não ficcionais, que se ocupam da transmissão de revelação proposicional. A arte nos desafia a encarar o lado menos empírico de nossa experiência com Deus – a abstração, a ambigüidade e o mistério. Turner demonstra que o artista cristão pode louvar a Deus em ressonância criativa, pode provocar reflexão sobre a realidade cotidiana a partir da cosmovisão bíblica e ainda contribuir para que os próprios cristãos experimentem Deus de forma diferente do meramente racional.

É louvável o empenho da **W4 Editora** em traduzir e publicar esta obra no Brasil. Para aqueles que sonham com o impacto positivo que a expressão artística poderá ter sobre as novas gerações de brasileiros, é obra fundamental.

Mark Leo Carpenter

Escritor, poeta e editor; é mestre em línguas modernas pela USP e presidente da Editora Mundo Cristão

Introdução

Este livro surgiu de uma preleção que fiz para dois grupos de músicos em Nashville e Los Angeles, em 1998. Steve Taylor, artista de estúdio e produtor da banda Sixpence None The Richer, em cuja casa aconteceu a reunião em Nashville, publicou em seguida um livreto com o conteúdo da preleção, por meio de sua empresa de multimídia chamada Squint, sob o título *Being There: A Vision for Christianity and the Arts*.

A resposta à preleção e ao livreto convenceu-me a considerar a idéia de ampliar a discussão em um livro. Eu não estava enganando a mim mesmo, no sentido de que tinha algo original para dizer, mas sabia que ainda havia muitas pessoas no mundo que precisavam ouvir que era possível incorporar sua fé à arte.

Em uma das reuniões, um jovem músico aproximou-se de mim e explicou que seu pai, um pastor, achava que ele devia usar sua música para a glória de Deus e que, do contrário, estaria em pecado. Ele queria saber o que eu achava que ele deveria fazer.

Por onde começar? Não tenho dúvida de que o pai dele era um cristão sincero e estava realmente preocupado em que o filho levasse uma vida correta. Também não tenho dúvida de que o filho era um cristão sincero preocupado em levar uma vida correta. Creio que o problema surge porque o termo "glória" tem implicações culturais. Algumas pessoas pensam que você somente glorifica a Deus de verdade se estiver fazendo algo religioso.

Ao longo dos anos, conheci muitos artistas que se viram em um dilema semelhante ao desse jovem músico. Eles têm o desejo de "servir a Deus", porém, não querem, sobretudo, limitar-se a um restrito mercado religioso. Desejam criar algo que reflita as paixões e as preocupações de sua fé, entretanto, querem competir ao lado de seus contemporâneos não-cristãos. Por um lado, eles normalmente se frustram com a enorme escassez de material cristão distinto nas artes contemporâneas, mas, por outro, sentem-se envergonhados com os padrões inferiores presentes em grande parte daquilo que é promovido como "arte cristã".

Sempre que encontro pessoas assim, sinto-me apto para compartilhar experiências relacionadas à minha própria carreira como poeta (com obras dirigidas a adultos e crianças), biógrafo, escritor de viagens, jornalista e crítico de rock. Ao longo dos anos, tive a sorte de conhecer cristãos de todas as partes do mundo, que trabalham como artistas e compartilham a mesma visão. Tenho aprendido muito com eles.

O que poderia dizer a uma pessoa que acabara de conhecer? Este livro realmente resume o que eu diria se tivesse alguns dias para conversar com ele. Começa com uma autobiografia, com o intuito de enfatizar o fato de que estou escrevendo não como um acadêmico, mas como alguém que aplica o que aprendeu no trabalho. Tenho um grande respeito por teses acadêmicas sobre o assunto, mas, em minha experiência, elas, muitas vezes, deixam de alcançar as pessoas que produzem arte.

Posso ter sido um pouco pretensioso ao tratar das artes em geral, em vez de uma forma artística em particular; no entanto, pensei que seria proveitoso ressaltar princípios que poderiam ser aplicados a todas as disciplinas. Tentei ter em mente todas as artes o tempo todo, porém, há uma evidente inclinação para a literatura e a música, simplesmente porque são as formas de arte que conheço melhor. Tentei ter um conhecimento amplo das artes, o que significa colocar artes populares, tais como o rock e o cine-

ma, ao lado do teatro e da pintura, manifestações artísticas há muito tempo estabelecidas. Também fui generalista ao usar o termo cristão para descrever os artistas. Imagino que somente Deus sabe quem são os seus, mas, se alguém se diz cristão, seu trabalho evidencia a visão comumente defendida por cristãos, e nenhuma inconsistência visível há em sua vida pública, uma vez que, para os propósitos da discussão que segue, senti-me feliz em chamá-los de cristãos.

As pessoas importantes na criação deste projeto foram Mark Joseph, que me levou para os Estados Unidos para fazer a primeira preleção; Steve Taylor, que viu o potencial de transformá-la em um livro; Andy Le Peau da *InterVarsity Press*, que assumiu o encargo do livro, e Howard e Roberta Ahmanson, da *Fieldstead and Company*, que, de bom grado, financiaram minha pesquisa e o tempo necessário para escrever o livro.

Steve Turner

A VISÃO



um

a visão

Em 1970 eu estudava em *L'Abri*, uma pequena comunidade de estudo fundada pelo dr. Francis Schaeffer, nas montanhas da Suíça, para onde pessoas de todas as partes do mundo se dirigiam a fim de tentar fazer com que sua vida e suas condições de vida tivessem sentido à luz da verdade cristã.

A vida em *L'Abri* estimulava nossas percepções. Muitos de nós vínhamos de uma formação que nos incentivava a categorizar toda a cultura como algo cristão ou não-cristão, espiritual ou carnal. Schaeffer, influenciado pelo historiador de arte holandês Hans Rookmaaker, em vez disso, propôs que observássemos as obras de forma individual. Em vez de perguntar: "Este artista é salvo?", pergunte: "Esta obra de arte tem qualidade em termos técnicos? Trata-se de uma expressão válida da visão do mundo do artista? A forma e o conteúdo estão bem integrados? A verdade está sendo transmitida?"

O efeito foi libertador. Valendo-se das velhas categorias, os Beatles, que dominavam a cultura popular na época, definitivamente eram "do mundo, da carne e do diabo". Nenhum deles professava a fé cristã, suas músicas não glorificavam publicamente a Deus e eles consumiam drogas ilícitas. Entretanto, observando sua arte por esta nova perspectiva, o que prevaleceu foram diferentes considerações. Eles mostravam qualidade técnica? Seu trabalho era uma expressão válida do modo como viam as coisas? O que tinham a dizer incorporava-se ao modo que escolheram para dizê-lo? Alguma verdade era transmitida em suas músicas?

Os evangélicos tradicionalmente aceitavam a redenção como seu ponto de partida para tudo. A pergunta era: O artista nascera de novo e estava cantando, compondo ou pintando sobre esse seu novo nascimento? Para Schaeffer, a criação era o ponto de partida. Todos foram criados à imagem de Deus e aqueles que foram abençoados com dons artísticos não podiam fazer outra coisa senão exibir esta imagem original de alguma forma.

Essa perspectiva confirmou o que eu instintivamente pressentia há algum tempo – que grande parte da arte criada por cristãos era de má qualidade e grande parte da arte criada por não-cristãos era de boa qualidade. Era possível que um hino bastante apreciado fosse arte de má qualidade e uma pintura feita por um artista secular fosse de boa qualidade. Ao fazerem da verdade o único critério, os cristãos muitas vezes depreciavam a importância do esforço humano nas artes e, com isso, privavam-se de uma riqueza da experiência cultural.

Entretanto, a verdade que mais os preocupava era apenas parte da verdade como um todo. As complexidades da vida humana foram ignoradas em uma busca da "simples verdade". Faltou à ficção cristã, por exemplo, a profunda textura da vida real, porque seus escritores simplesmente usavam a forma para evangelizar pessoas que, segundo imaginavam, seriam avessas ao Evangelho de uma outra forma.

A falta de cristãos nas artes populares e a qualidade inferior da "arte cristã" contemporânea tiveram um impacto sobre mim quando adolescente. Uma vez que suas alegações foram ignoradas, o Cristianismo parecia ser culturalmente irrelevante. Isso significava que os cristãos não conseguiam fazê-lo prevalecer no mundo "real"? Significava que as expressões culturais do Cristianismo somente poderiam sobreviver quando não contestadas, na esfera delimitada da subcultura cristã?

Visto que o trabalho que levava o título de cristão muitas vezes era precário em termos de qualidade e simples em termos de

compreensão, o Cristianismo, por implicação, parecia insípido e desinteressante. Quão grandioso era este Deus que permitia que um trabalho o representasse desta forma? Quão excitante era esta vida que parecia preferir a monotonia à cor, a simplicidade à complexidade, a segurança ao risco?

Minha experiência em *L'Abri* convenceu-me de que os cristãos não apenas poderiam ser eficientes nas artes populares: eles deveriam sê-lo. Isso ficou claro para mim quando alguém chegou dos Estados Unidos em *L'Abri* com uma cópia de *Déjà Vu*, o álbum mais recente de Crosby, Stills, Nash e Young. Alguns de nós nos sentamos enquanto ouvíamos as músicas, com os ouvidos atentos para a letra, à procura de qualquer nuance que sugerisse para onde seguia nossa geração.

Esta era uma época em que o rock era o pára-raios da mudança cultural. As conversas de pessoas como Bob Dylan, Jim Morrison, Paul Simon, Jerry Garcia, Pete Townshend, John Lennon e Paul McCartney eram examinadas em busca de sabedoria. Os músicos não mais eram simples artistas, mas profetas e xamãs. Timothy Leary, antigo professor de psicologia de Harvard, que se tornou um prosélito dos benefícios espirituais do LSD, disse que os roqueiros eram "os poetas-filósofos da nova religião"¹.

Talvez esta reverência tenha sido imerecida, mas o rock respondia às revoltas da década de 60 de modo mais imediato do que qualquer outra forma de arte. Os Beatles gravaram *All You Need is Love* enquanto tropas norte-americanas combatiam no Vietnã e pessoas jovens marchavam pela paz. Os protestos antibélicos em Londres durante o verão de 1968 inspiraram a música *Street Fighting Man*, dos Rolling Stones. Os tiroteios na Universidade Estatal de Kent, em agosto de 1970, levaram Neil Young a compor *Ohio* quando surgiram as notícias, e a música foi lançada como um single do Crosby, Still, Nash and Young, oito dias mais tarde.

A última faixa do lado A do disco *Déjà Vu* era a música *Woodstock*. Composta por Joni Mitchell em resposta ao grande festival de

rock que acontecera no verão anterior ("Três dias de amor, paz e música", como anunciou, mais tarde, o filme do documentário), a música representava o auge do sonho da década de 60 de uma sociedade alternativa. Cristãos em uma contracultura acreditavam que ela exemplificava um novo compromisso com os valores humanos básicos e uma rejeição à avareza, à guerra, à hipocrisia e à exploração.

Mitchell captou esta visão essencialmente religiosa. Na música, ela conhece um rapaz ("um filho de Deus") que está a caminho do festival e pergunta-lhe o que ele está fazendo. O rapaz responde que voltará para a terra que "liberta sua alma" – e, então, vem o refrão, como que entoado por todos no festival que compartilham a mesma esperança:

*Somos poeiras estelares
Somos como o ouro
Somos carbono de bilhões de anos
E temos de conseguir voltar
Para o jardim.*

Os dois últimos versos impressionaram-me. Eis aqui um enorme grupo de roqueiros fazendo alusão ao Jardim do Éden. O restante da música deixava claro que este não era um convite à conversão cristã, mas era, pelo menos, uma admissão de que os homens precisavam de uma renovação espiritual. Onde estavam os cristãos que eram comparados a esses músicos e que poderiam ter se envolvido nesta metáfora profunda? A maioria dos músicos cristãos que eu conhecia estava envolvida com a "música cristã", que, naquela época, significava executar músicas inspiradas na Bíblia para multidões de cristãos. Mesmo a música mais inteligente desses que exerciam essa profissão não causaria um impacto sobre esta discussão, porque não seria ouvida pelas principais figuras do debate.

Woodstock expressava uma convicção de que fomos criados para ser importantes ("poeiras estelares", "como o ouro"), mas que algo saíra errado (surpreendidos pela "barganha do diabo") e que precisávamos voltar à inocência original ("voltar ao jardim"). Neste mundo recriado, os instrumentos de opressão e violência seriam transformados em objetos de beleza. Bombardeiros transformariam-se em borboletas, assim como os profetas do Antigo Testamento previram um tempo em que as espadas se converteriam em relhas de arado, e as lanças em podadeiras.

A diferença entre cristãos e não-cristãos, neste sentido, muitas vezes não estava nas questões que os envolviam, mas nas conclusões a que chegavam. Podemos concordar que os seres humanos têm dignidade, entretanto, discordar quanto à origem dessa dignidade. Podemos concordar que os seres humanos foram retirados de seu destino original, entretanto, discordar quanto ao modo como e quando isto aconteceu. Podemos concordar que os seres humanos precisam ser transformados, entretanto, discordar quanto ao modo como essa transformação pode ser obtida.

Observada em retrospecto, com trinta anos de vantagem, *Woodstock* parece ingênua. O idealismo de 500 mil jovens em um festival de música norte-americano não foi sinal de uma grande mudança no comportamento das espécies. Os problemas, como a violência e a poluição, continuam e podem até ter piorado. A música implica numa crença na evolução da natureza humana ("talvez seja o tempo do homem") e este otimismo infundado é sua pior fraqueza.

Contudo, *Woodstock* foi uma tentativa, dentro da cultura popular, de levantar algumas das perguntas mais importantes já feitas pelos homens. Quem somos? O que nos torna importantes? O que saiu errado? Como podemos ser restaurados? Gostaria que os cristãos contribuíssem para esse debate. Consciente das questões que estão sendo discutidas, acho incrível que ainda não estejamos neste ponto. Não era este o assunto em que éramos tão bons para discutir?

Na realidade, se for honesto, isto não é de se admirar, porque cresci dentro do evangelicalismo que não preparava as pessoas para um papel dinâmico na cultura secular. Pude entender por que o ator cristão mais conhecido do cinema foi o vaqueiro Roy Rogers e por que não houve um cantor ou pintor de renome. O que descobri foi que esta situação não fazia mais sentido.

Ninguém me disse que não era certo um cristão tornar-se um ator ou um compositor, um romancista ou um dançarino. Isso estava implícito. Não houve pessoas que serviram de exemplo. Lembro-me de uma atriz bem conhecida e de uma cantora inglesa que conheceram o evangelho, mas que, em seguida, abriram "mão" da carreira "pelo Senhor". Seu testemunho foi obviamente mais valorizado do que seu talento. Como a embriaguez e a promiscuidade, o envolvimento com as artes era algo melhor discutido no tempo passado.

Os cristãos pareciam reconhecer uma hierarquia de trabalho. Evangelistas e aqueles que "dedicam todo seu tempo no ministério" vinham em primeiro lugar. Médicos, enfermeiras e pessoas que cuidam de doentes vinham em seguida. Depois apareciam os professores, policiais e a grande massa de trabalhadores. Artistas, representantes da mídia e pessoas envolvidas com o show business viriam no último grupo possível, se tivessem sido de fato mencionados.

Consistentemente, os cristãos não consumiam muita arte. Em geral, não possuíam o aparelho de televisão ("a caixa do diabo"), não colecionavam obras de arte, nem iam ao teatro. A ficção, como a dança, era adequada para crianças, não para adultos. Rock era música mundana. Filmes eram apropriados apenas se fossem desenhos animados, entretenimento familiar ou, o que é bem estranho, épicos de guerra baseados em fatos. O raciocínio era de que grande parte das artes havia sido criada por não-cristãos e poderia, conseqüentemente, prejudicar nossa saúde espiritual. Entoamos o refrão de uma música que segue:

*Cuidado olhinho o que vê,
Cuidado olhinho o que vê!
Pois o Salvador no céu
Está olhando prá você;
Cuidado olhinho o que vê.*

Desconhecendo quais eram as inclinações de Deus, mas esperando que ele fosse meio melindroso, o melhor, ao que parece, era não correr riscos. Além disso, a arte era considerada uma perda de tempo. Tudo que era necessário saber sobre a vida estava na Bíblia. Qualquer outra coisa era supérflua. O que estas pessoas espiritualmente mortas poderiam ensinar-nos, que já não sabíamos?

Entreter-se sugeria que nossa mente estava ficando distraída por um tempo, e os cristãos não deveriam permitir que sua mente se distraísse. Qualquer coisa que desviasse nossa atenção da leitura bíblica, da oração e do testemunho diminuía o processo de santificação. As igrejas evangélicas eram escassamente decoradas porque acreditava-se que a devoção estava na simplicidade, e Deus tinha pouco interesse na aparência externa. Garrison Keillor aprende perfeitamente esta atitude em seu romance *Lake Wobegone Days* ao descrever uma típica reunião dos Sanctified Brethren, "uma seita tão pequena que ninguém – senão nós e Deus – conhecia". O grupo reunia-se todos os domingos em uma sala, com cadeiras dobráveis simples: "Não havia clérigo algum usando uma bata preta. Não havia órgão ou piano, pois isso faria alguém sobressair-se. Não havia artigos de decoração, o que levaria à complacência. Não havia um quadro de Jesus, pois ele estava em nosso coração... Não havia uma partitura musical, pois a música tinha de fluir do coração e não de uma página"².

Quando os cristãos, em raras ocasiões, valiam-se das artes, era como "passar dos limites". As artes, segundo foi-nos dito, poderiam ser "usadas". Poderiam ser "ferramentas eficazes para o evangelismo". Conseqüentemente, tínhamos filmes com perso-

nagens esqueléticas e enredos triviais que implacavelmente chegavam ao clímax com as conversões. Tínhamos compositores e cantores cuja ênfase era prender a atenção e transmitir uma "mensagem" na letra. Tínhamos até romances cristãos, que adocicavam o Evangelho com ficção.

Quando eu disse que gostaria de ser escritor, um cristão mais velho disse para mim: "Isto é maravilhoso. Há algumas revistas cristãs boas por aí", com a suposição de que cristãos devem escrever para cristãos sobre o Cristianismo. A idéia de que eu poderia ter interesse em escrever para uma revista ou jornal de âmbito nacional sobre questões gerais não era considerada.

Instintivamente, percebi que isso não estava certo. Ainda não tinha o princípio teológico que me obrigava a abrir mão disso, apenas uma intuição de que os cristãos poderiam – e deviam – envolver-se em todas as áreas da cultura. Logo deparei-me com outros, que tinham os mesmos instintos. Li um artigo em um jornal cristão sobre um ator, Nigel Goodwin, que recorria aos poetas contemporâneos, ao guru da mídia Marshall McLuhan e aos Beatles em suas palestras. Não apenas fiquei surpreso em ver que um orador cristão conhecia McLuhan ou podia citar a poesia contemporânea, mas em ver que ele estava usando seu trabalho para defender a fé.

Nigel era um homem cheio de vida e amor por Deus, e também era um grande fã da cultura popular. Em nossa primeira reunião, entusiasmado, mostrou-me um livro chamado *Rock and Other Four Letter Words*³, de J. Marks, um estudo da vanguarda intitulado *Ahead of the Game*⁴, de Calvin Tomkins, e *Anger and After*⁵, de John Russell Taylor, que observava a dramaturgia inglesa desde John Osborne. Fiquei impressionado com esse cristão que, além de não se sentir ameaçado pelas artes seculares, obviamente, deleitava-se com elas.

Então, perguntou-me se eu já havia ouvido falar de Francis Schaeffer. Respondi que não, e ele me entregou o então recentemente publicado *O Deus que Intervém*⁶, uma pesquisa de ten-

dências na arte, na filosofia e na religião. Enquanto folheava suas páginas, os nomes de Jung, Cage, Picasso e Dylan Thomas saltavam diante de meus olhos. Talvez eu tivesse levado um vida resguardada, mas nunca havia visto as obras desses artistas sendo usadas como parte de uma apologética cristã.

Isso veio a ser um importante ponto decisivo para mim. Dentro de um ano eu estava na Suíça estudando em *L'Abri*. Schaeffer e seus companheiros compartilhavam uma paixão pela cultura como consumidores e críticos. Discutiam a obra de artistas com sensibilidade e respeito. À medida que analisavam visões do mundo e as confrontavam com a verdade bíblica, aumentava minha convicção de que os cristãos deviam contribuir para esse diálogo.

A mensagem mais forte que provinha de *L'Abri* era "Jesus é o Senhor". Isso significava que o Cristo ressurreto era Senhor das horas de refeição e da narração de histórias, das atividades bancárias e dos negócios, da arte e da cultura. Não havia área da vida sobre a qual podíamos dizer-lhe: "Sinto muito. É melhor ficar fora disto. Você não entenderia. Prenda-se à religião".

Enquanto estava lá, eu perguntava aos jovens viajantes norte-americanos que conhecia sobre os livros mais recentes e, por meio de suas sugestões, comecei a ler os contos de Richard Brautigan, o jornalismo de Tom Wolfe e a ficção de Richard Farina. Imaginava uma obra literária que tivesse um aspecto "popular" ponderado, mas que tratasse das questões profundas que nos preocupavam em *L'Abri*. Um amigo que acabara de conhecer, Mark Quinn, e eu, chegamos à conclusão de que escreveríamos um romance juntos. Ele se chamaria *Ripped-Off Kids*, entretanto, nosso conjunto de idéias começou e terminou no título.

Embora não tivesse credenciais literárias, eu estava determinado a ir para Londres e tornar-me um escritor depois de deixar *L'Abri*. Três meses depois, estava vivendo em *North London*, embrulhando livros em uma loja durante o dia e trabalhando como jornalista *freelance* para uma revista de rock à noite. Em pouco tempo,

entrevistei três importantes personalidades do rock – Jethro Tull, Marc Bolan do T. Rex e Rod Stewart – e, então, apreciando aquilo que havia apresentado, a revista ofereceu-me um emprego. Tornei-me escritor em período integral.

Nos anos seguintes, vi-me realizando entrevistas com alguns dos músicos mais conhecidos da época, entre eles, Elton John, Lou Reed, Frank Zappa, Eric Clapton e David Bowie, e integrantes do The Who, Rolling Stones, The Band, The Moody Blues, The Byrds, Pink Floyd, Queen e Grateful Dead. Até vi-me em Los Angeles, compartilhando minha poesia e discutindo o idealismo hippie com David Crosby e Graham Nash, cuja versão de *Woodstock* desempenhou um papel importante em minha jornada.

Tive de estabelecer as responsabilidades de um jornalista cristão que trabalha em uma revista para o mercado geral. Eu estava sendo contratado para transmitir informações sobre músicas e músicos para um público leitor. Teria desapontado meu chefe se tivesse deixado de fazer isso para expor aspectos teológicos.

Entretanto, todo artigo, ainda que escrito com consideração e integridade, mostraria minha visão do mundo por meio da opinião direta, da escolha do tema ou da prioridade dada à informação. Como entrevistador, minhas perguntas seriam diferentes, e eu, conseqüentemente, inclinaria a respostas diferentes. Desafiaria opiniões que pudessem, do contrário, ter permanecido incontestadas.

Percebi que estava começando a cumprir a visão que recebera em *L'Abri*. A revista para a qual trabalhava não tinha o impacto da *Time Magazine* ou mesmo da *Rolling Stone*, mas proporcionou-me uma experiência jornalística e acesso a importantes personalidades do meio criativo. Sobretudo, significava que eu poderia desempenhar um pequeno papel no debate cultural.

Como jornalista, meu trabalho era obter uma história, em vez de evangelizar, mas, como qualquer outro cristão, precisava estar pronto para discutir questões espirituais, caso essas fossem levantadas. Pedia direção para cada entrevista e convicção para falar

abertamente, se necessário. Não queria estar onde isso tinha valor e, não obstante, calar-me com relação às coisas que mais importavam para mim.

Quando entrevistei John Lennon, na época de seu álbum *Imagine*, ele, inesperadamente, abriu um jornal que lhe fora enviado por membros de uma das novas comunidades de Jesus que surgiram nos Estados Unidos, enquanto o evangelicalismo começava a suprir as necessidades da geração hippie. A coluna central era uma carta pública para o antigo integrante dos Beatles, escrita por um fã que se tornara cristão. A mensagem essencial era a seguinte: "Você precisa de Jesus, John".

Lennon leu toda a carta para mim, colocou o jornal em sua mesa e perguntou: "O que você acha disso?". Estou certo de que esperava que eu zombasse do remetente, como muitos outros jornalistas músicos teriam feito, porém, não foi o que fiz. Em vez disso, tivemos um debate sobre a natureza do Cristianismo ("Conheço toda esta bobagem de crente") no qual ele ouviu o que eu tinha a explicar sobre minha fé ("Bem, boa sorte para você") e apresentou-me algumas de suas próprias idéias ("Deus é um conceito por meio do qual avaliamos nossa dor").

Ser jornalista permitiu-me acompanhar o processo criativo bem de perto. As bandas pediam minha opinião sobre demos, produtores mostravam-me como determinados efeitos de estúdio eram criados, compositores compartilhavam o material que haviam acabado de compor (Gostaria de ter guardado a fita com a entrevista no qual David Bowie apresentou sua nova música *Andy Warhol* para mim, enquanto eu fazia uma visita ao banheiro).

O tempo todo eu dizia a esses roqueiros que estava escrevendo e recitando minha própria poesia. Ficava feliz em contribuir com eventos cristãos, mas via meu principal chamado nos barzinhos e clubes, onde o novo cenário da poesia verbal estava decolando. Ressentia-me quando era descrito como um "poeta cristão", pois o rótulo era extremamente limitado. Acreditava que os cristãos

deviam fazer uma poesia que incutisse a percepção divina em vez de uma poesia sobre religião.

Minha opinião sobre estas questões contou com a ajuda de três livros em particular: *The Christian Mind*⁷, de Harry Blamires, *Selected Essays*⁸, de T. S. Eliot e *The Gospel According to Peanuts*⁹, de Robert Short. Blamires defendia firmemente que havia uma necessidade de "pensar de modo cristão" sobre todos os assuntos e não limitar nosso pensamento religioso à religião. Eliot, em seu ensaio *Religion and Literature*, procurava uma literatura que fosse "inconscientemente, em vez de deliberada e provocadoramente, cristã". Short usou as tiras de quadrinhos Peanuts (Snoopy e sua turma), de Charles Schulz, e mostrou como elas exploravam os valores apresentados nos Evangelhos por meio do humor.

Minha primeira coleção de poemas, *Tonight We Will Fake Love*, foi publicada em Londres em 1975 pela divisão editorial de uma gravadora que anunciara estar à procura de obras literárias comparadas aos Beatles e Neil Young. *The Daily Mail*, um jornal britânico, publicou-a sob a manchete: "Finalmente, um poeta com todo o talento para o rock". O importante, para mim, é que o escritor identificou o que chamou de uma "guinada cristã" nos poemas.

As artes continuam sendo um fórum importante para debates em nossa cultura. Embora não seja a principal preocupação de todos os artistas fazer uma afirmação sobre a condição humana ou tecer um comentário sobre as épocas, é inevitável que muitos irão fazê-lo simplesmente porque o instinto do artista é questionar as origens, a identidade, o comportamento e o destino. O jazzista Max Roach, certa vez, disse: "Existem duas teorias (da arte). Uma é a arte pela arte. Essa é verdadeira. A outra, que também é verdadeira, é que o artista é como um secretário... Ele mantém um registro de sua época. Minha música tenta dizer como realmente me sinto, e espero que reflita, de algum modo, como os negros se sentem nos Estados Unidos"¹⁰.

Como explicarei mais detalhadamente no decorrer deste livro, não creio que todo artista que é cristão deve criar uma arte que seja um sermão parafraseado. Grande parte da arte cristã é arte pela arte. Contudo, uma vez que a arte é um registro e reflete as questões e ansiedades da época, gostaria de ver contribuições que reflitam uma compreensão cristã daquela época. Também gostaria de vê-las nas artes em voga, e não na subcultura cristã.

Não estou dizendo isto por razões evangelísticas. Não espero que a arte converta pessoas, embora perceba que ela desempenha um papel importante na formação de nossa compreensão do mundo. Digo isto porque debates estão acontecendo no cinema, na pintura, na dança, na ficção, na poesia e no teatro, sobre questões em que os cristãos têm algo a oferecer, e, não obstante, eles nem mesmo estão sendo ouvidos.

Penso que devemos participar desses debates como parte do mandato que recebemos para que cuidássemos e nos preocupássemos com o mundo, e não por causa do mandamento de fazer discípulos. Não estamos participando de debates para dizer às pessoas no que devem crer. A arte tem a tendência de mostrar, em vez de dizer. Concede às pessoas a oportunidade de experimentar outra forma de ver o mundo. Contudo, se não estamos presentes nas artes, negamos às pessoas a oportunidade de deparar-se com nossa perspectiva.

O artista cristão muitas vezes será aquele que irrita, que inquieta a visão antropocêntrica do mundo para a qual a natureza caída tende naturalmente. Assim como as pessoas pensam que afastaram Deus de todas as considerações de uma questão específica, o cristão, irritantemente, coloca-o de novo em pauta, de algum modo. E quando Deus está de volta à pauta, as pessoas são forçadas a relacionar-se com ele, ainda que apenas para tentar marginalizá-lo novamente.

Uma compreensão cristã ainda está ausente tanto na arte comercial quanto nos campos experimentais. É raro encontrar diretores cristãos em Hollywood, produtores de filmes sérios de ficção

ou escritores de peças para a *West End* de Londres ou *Broadway* de Nova Iorque. Mais raro ainda é encontrá-los nos palcos da arte alternativa, nos clubes de comédia e nos teatros de dança contemporânea. O jovem culto, na média, sente-se extremamente pressionado quando tem de citar um único roteirista, dramaturgo, coreógrafo, romancista, comediante ou pintor cristão contemporâneo, por mais que o Cristianismo continue sendo a religião predominante tanto na Europa quanto nas Américas. Quando a revista *Time* compilou uma lista das 100 pessoas mais importantes da arte e do entretenimento do século XX houve apenas cinco que demonstraram algum sinal público de fé cristã.

O objetivo deste livro é explorar as razões por que as coisas acontecem desta forma na esperança de que, por meio da compreensão, mudanças possam acontecer e que os cristãos que são artistas sintam-se valorizados, encorajados, inspirados e animados.

A IGREJA



dois

a igreja

Um dos maiores obstáculos para o desenvolvimento da arte em voga com informações bíblicas tem sido a percepção de que os cristãos devem criar "arte cristã" e que a "arte cristã" sempre é explicitamente religiosa. Compreendida desta forma, a "arte cristã" não é discernida por uma perspectiva regenerada sobre a vida como um todo, mas por um ponto de vista limitado sobre histórias bíblicas, santos, mártires e o relacionamento pessoal com Deus.

A "arte cristã", neste sentido, normalmente serve de apoio para a adoração ou um meio de evangelismo. Não é de surpreender que tenha surgido e se desenvolvido em uma época em que o Cristianismo oferecia a explicação comumente aceita para a vida. Quando Dante escreveu *A Divina Comédia* e Michelângelo pintou *O Último Julgamento*, suas suposições sobre Deus e Satanás, céu e inferno, morte e julgamento eram indiscutíveis. Eles viveram em uma época em que, para a maioria das pessoas, não havia explicação alternativa para o modo como chegamos a existir, o modo como deveríamos nos comportar e o que acontece quando morremos.

Desde a época de Constantino ao Iluminismo, as idéias cristãs prevaleceram na arte pela simples razão de que a igreja tinha um domínio considerável sobre todos os aspectos da vida. É bem possível que existiram tantas pessoas não regeneradas quanto agora, entretanto, elas eram pessoas não regeneradas que, não obstante, compreendiam a vida em termos de criação, queda e redenção. Os pintores habitualmente retratavam assuntos como a Virgem Maria e o Filho, a crucificação e os tormentos do inferno.

Contudo, durante os dois primeiros séculos após a morte e ressurreição de Cristo, em um momento em que os cristãos não passavam de uma minoria ridicularizada, a igreja não produziu uma arte religiosa da qual tenhamos conhecimento. Os lugares de adoração não se distinguiam por pinturas, por esculturas ou por uma arquitetura especial, e os cristãos não dispunham de santuários ou imagens de idolatria em casa. Se um artista ou artesão se convertesse, era incentivado a levar adiante seu dom no mundo cotidiano. No final do século IV, Eusébio, bispo de Cesaréia, pôde seguramente dizer à irmã de Constantino, que havia solicitado um retrato de Cristo, que tal coisa não existia na arte cristã.

Isso não era exatamente verdade porque por um século, pelo menos, os cristãos vinham entalhando símbolos – como peixes, pombas, palmeiras, âncoras, pastores e letras importantes do alfabeto – nas paredes das catacumbas em Roma e decorando alguns túmulos com ilustrações de histórias do Antigo Testamento. No entanto, foi verdade, uma vez que os cristãos deixaram de retratar Deus ou Cristo e não imitaram os pagãos na criação de ídolos. Na realidade, os cristãos distinguiam-se tanto por não terem uma arte visivelmente religiosa que os pagãos os ridicularizavam. Como podia esta ser uma religião verdadeira capaz de promover a adoração e a devoção se não contava com nenhuma representação física diante da qual se curvar?

Esta relutância cristã em fazer arte religiosa convencional deu-se por causa da proibição feita pelo Antigo Testamento para que não criassem ídolos "nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra" (Êx 20.4). Embora a ênfase desse mandamento seja contra a adoração de ídolos, o que destituía Deus da glória que merecidamente lhe era devida, os cristãos também deduziram uma advertência implícita que dizia que a raça humana decaída jamais deveria tentar retratar o Espírito e a santidade. A única imagem de Deus necessária em uma igreja era aquela que estava em cada pessoa.

O abandono dessa interpretação rigorosa aconteceu quando o Cristianismo foi adotado como a religião do império romano e adotou muitos dos ornamentos do imperialismo. O poder de Roma fora reforçado por imagens e uma arquitetura majestosa e Constantino estava convencido que a igreja cristã deveria seguir o exemplo. Os cristãos outrora perseguidos, encorajados por seu novo *status*, começaram a ilustrar as paredes das igrejas com cenas da Bíblia. Ansiosos por oferecer uma experiência religiosa que não decepcionasse aqueles que vinham de experiências pagãs, aceitaram santuários domésticos e incentivaram a devoção às imagens de Maria e dos santos.

Nesta nova esfera, em que a "arte cristã" estava se desenvolvendo, a crença era de que as imagens visuais ajudavam na adoração do povo e transmitiam verdades aos iletrados, contudo, não demorou muito para que a linha entre o apoio à adoração e os objetos de adoração ficasse menos distinta. Iconógrafos criaram "retratos santos", normalmente de Cristo ou de um santo, cujo objetivo era ser um ponto de encontro entre o céu e a terra. Um ícone, de acordo com o historiador da igreja contemporânea Owen Chadwick, era "algo que ia além de uma imagem na madeira. Era visto como tendo uma afinidade de espírito com a pessoa pintada nele; podia receber a veneração e as orações feitas ao santo e conceder sua bênção à pessoa que rezava diante dele. Ele apresentava um santo à alma"¹.

Por volta do século VIII a própria igreja começou a ficar preocupada com o papel dos ícones. Havia aqueles, conhecidos como iconólatras, que afirmavam que Deus instituiu um precedente para dar forma física à divindade, quando o homem tornava-se um homem em Cristo. O talento do artista e os materiais usados também eram dons de Deus. Os iconoclastas discordavam; diziam que era impossível retratar a glória, quer fosse a glória de Deus ou aquela que envolvia Maria e os santos.

Um concílio ecumênico foi realizado em 787 para solucionar o problema. A decisão final favoreceu os iconólatras, mas não de